

LIVROS RECENTES E DEBATES CONTEMPORÂNEOS*

Comentário Crítico pelo Editor

Men Explain Things To Me

Rebecca Solnit

Haymarket Books, 20 Maio 2014

130 pp.

Qual o Gênero das Mulheres com Poder?

Um tema conhecido da crítica feminista é a denúncia da situação em que homens pretendem esclarecer ou ajudar mulheres a compreender uma determinada realidade, como se a mulher não fosse capaz de compreender e chegar a essas conclusões por si própria. Isto é também característico do racismo e de um tipo de arrogância disfarçada dirigida a pessoas de menor estatuto social. E inclui, da mesma forma, a falsa gentileza e apoio, em relação a idosos e, em particular, mulheres idosas, considerando que, só por serem idosas, não são capazes de pensarem e decidirem sem patrocínio. Rebecca Solnit diz que pretende explorar o tema neste livro, constituído por uma coletânea de nove ensaios que já tinham aparecido, na maior parte, no blog *TomDispatch.com*. Solnit é uma colaboradora habitual deste blog que, no oceano de blogs politizados, nos Estados Unidos, destinados ao público liberal é um blog do jet set progressista, no qual a autora publicou, em 2008, o primeiro ensaio da coletânea que dá o título ao atual livro.

* Ensaios de revisão acerca de livros publicados durante o mesmo semestre, ou no final do semestre anterior da edição de cada número de *Interações*.

Este ensaio é, ou pretende ser, sobre *mansplaining*, uma expressão americana utilizada para referir, precisamente, a tendência que homens terão de explicar coisas a mulheres, juntando *man* com *explain*. Rebecca Solnit não inventou o conceito, mas explora a ideia, numa história que conta, quando passava um fim de semana em Aspen, no Colorado, para esquiar. O anfitrião milionário que a recebeu a ela e a uma amiga, sem as conhecer, numa festa na sua exclusivíssima cabana de neve, perguntou-lhe o que ela fazia na vida e ela respondeu que era escritora. Nesse momento, ele sugeriu-lhe a leitura de um livro muito interessante que ele não tinha lido, mas que estava, então, na lista dos bestsellers. Na verdade, era a própria Solnit a autora desse livro. A partir daqui, Solnit começa a tirar considerações forçadas que a realidade, porém, não lhe autoriza. A autora pretende que o caso define uma situação inequívoca de *mansplaining*. Na verdade, o homem não leu nada e apenas lhe referiu um livro, não tentou explicar-lhe o conteúdo. O burlesco da situação não é diferente de eventos, neste tipo de ambiente, onde, por exemplo, duas amigas se encontram e descrevem, uma à outra, que, finalmente, encontraram o homem das suas vidas, quando acabam por descobrir que estavam, afinal, a falar do mesmo homem.

Para qualquer americano, a menção de que alguém foi esquiar para Aspen indica um estatuto altamente elitizado que está fora da realidade da enorme maioria das pessoas, na sociedade americana. Ao tentar definir aquela conversa como um caso de *mansplaining*, arrogância e privilégio masculino, em relação à mulher, Solnit cria ela própria de um cenário de arrogância e privilégio para se colocar no centro da situação, enfatizado, em particular, que aquilo que considera pior não é que homens lhe tentem explicar coisas mas que lhe tentem explicar coisas que ela sabe mais e conhece melhor. Na realidade, porém, aquele homem não lhe tentou explicar nada.

Neste sentido, um livro sobre *mansplaining* seria muito interessante, mas não é o que acontece. Os restantes oito textos da coletânea não tratam do tema do título do livro. Sete destes textos descrevem situações de abuso contra a mulher, no contexto americano, com violência doméstica, estupro e assédio sexual no trabalho. A informação, num destes ensaios, de que, a cada nove segundos, uma mulher é objeto de violência, por parte de um agressor masculino, na América, expressa o tom marcadamente sombrio destes textos que constituem a maior parte do livro. O nono e último texto é, por sua vez, um artigo intelectualizado, retirado de uma comunicação apresentada num simpósio feminista sobre Virginia Wolf. Desta forma, Rebecca Solnit desenvolve, ao longo deste livro relativamente pequeno, de 130 páginas, três atmosferas diferentes, em sequência. O cómico (um artigo), o sombrio (sete artigos)

e o académico (um artigo). Na verdade, o que a autora fez foi a situação habitual de reunir, num só volume, diversos textos que o mesmo autor publicou noutros lugares. Mas, como alguns autores tentam fazer, Solnit procurou dar um sentido reificado ao conjunto, considerando que o mansplaining ganha sentido como parte de uma cultura violenta mais vasta de silenciamento e supressão do feminino.

Centrado sobre o contexto americano, este livro é sobretudo expressivo da dificuldade do feminismo atual em redefinir relações transformativas entre género e poder. A ênfase feminista é que a subordinação da mulher continua a ser uma realidade crucial nas sociedades desenvolvidas e democráticas e, portanto, não é um fenómeno para apenas ser observado em regimes e culturas autoritárias. O problema é o essencialismo destas abordagens. Na base, a teoria do género é fundada numa diferença anti-essencialista entre sexo e género. O sexo é uma realidade natural – as pessoas nascem com uma biologia sexual, masculina ou feminina – mas o género é culturalmente construído, porque é a sociedade que inventa ‘homens’ e ‘mulheres’, favorecendo, tradicionalmente, o papel e a identidade do homem, em relação à mulher. O livro de Solnit, os sete artigos ‘sombrios’, em particular, expressa, porém, mais factos do que conceitos, enunciando vários terrenos do abuso de mulheres por parte de homens, mas sem explicar por que a subjugação violenta da mulher continua tão marcada em sociedades democráticas. Sem a necessária explicação crítica, a continuidade da violência contra a mulher aparece numa aura de essencialismo da persistência.

O que está em fundamentalmente causa, porém, na minha leitura, é que é também necessário recuperar o género dos objetos tangíveis e intangíveis para encontrar o género das pessoas. Neste sentido, tendo em consideração que todo o género é uma construção simbólica, o dinheiro e o poder – dois objetos, simultaneamente, tangíveis e intangíveis – são simbolicamente masculinos. O dinheiro é um homem e o poder é um homem também. E isto interfere dramaticamente com a identidade de género de homens sem dinheiro e sem poder. Como não são considerados verdadeiramente ‘homens’, na esfera pública, muitos apenas se sentem ‘homens’ na esfera privada do terror doméstico, expressando masculinidade através da violência sobre a mulher e a família em geral. Neste contexto, uma das situações mais graves contra a mulher é ser transformada no objeto compensatório da desigualdade de poder entre homens.

Este jogo de compensações encontra-se, hoje, inclusivamente, ao serviço do populismo autoritário disfarçado de democracia. É o caso da subida ao poder, na Turquia, desde 2001, do partido islamista Justiça e Desenvolvimento, do Primeiro

Ministro Recep Erdoğan que tem, pouco a pouco, desmantelado as instituições seculares do estado turco instauradas com a fundação da República turca, por Mustafa Kemal Atatürk, depois da Primeira Guerra e o fim do império otomano. Na realidade, ao longo do século 20, a cultura secular criou uma separação de classe, na sociedade turca, entre, por um lado, as classes médias e altas e, por outro, uma parte considerável das classes populares, nas cidades e sobretudo no mundo rural que continuaram a reproduzir o tradicionalismo religioso na família, como o reduto compensatório do poder masculino. Esta clivagem representava, de facto, a desigualdade no acesso a recursos materiais e de educação, conforme um estilo de vida secular estava equacionado com um estilo de vida ocidental – de que a mulher ocidentalizada e sem véu era um dos seus ícones – recursos dos quais, porém, grande parte da população estava afastada. O partido de Erdoğan explorou estrategicamente esta frustração, com a abertura democrática, na política turca, a partir do final do século 20, uma vez que os partidos seculares mantiveram-se no governo da Turquia, durante décadas, com um mistura de tutela militar e governos diretamente saídos de golpes e juntas militares.

Por sua vez, Erdoğan mantém-se no poder, em sucessivas vitórias eleitorais, desde 2001, com promessas de acesso a recursos e apelando, em particular, para a ideia de que a família conservadora popular é a base da sociedade turca, uma família onde o homem manda e a mulher usa véu. E tamanho foi o sucesso desta estratégia eleitoral que muitas mulheres de classe média passaram a usar o véu que nem as suas mães e mesmo avós usaram, refletindo, em muitos casos, objetivos dos maridos que querem ganhar, na política ou nos negócios, posição no novo sistema, baseado, de fato, no nepotismo e corrupção enganosamente sacramentados pelo moralismo populista e religioso. Erdoğan compensa as frustrações masculinas com a farsa de que o poder na nova Turquia é uma projeção do poder do homem do povo em casa e que ele é o novo patriarca-califa que representa todos os homens turcos.

Por detrás dessa demagogia utilitária, porém, o facto é que os ‘homens’ são poucos, em qualquer sociedade, porque o estatuto de ‘homem’ pertence ao domínio reservado do poder que é sempre apenas de alguns. O problema complica-se, porém, porque a mulher pode pertencer a ambos os lados da opressão. Neste ponto, uma mulher com posição social poderá ser objeto de violência, por parte do marido, mas ela própria pode ser o agente de subalternização dos maridos de outras mulheres que acontecem de ser os seus empregados e subalternos.

Hoje, como no passado, a mulher com dinheiro e poder é, de alguma forma, um

‘homem’, da mesma maneira que homens sem poder e dinheiro são simbolicamente emasculados como ‘mulheres’. O que Rebecca Solnit faz, neste livro é, precisamente, apresentar-se como uma feminista de alta extração, porque vive e trabalha em lugares influentes e toma parte em círculos de pessoas com consequência. Por isso, a questão mais interessante da história contada por Solnit sobre o milionário de Aspen que, diz ela, lhe tentou explicar coisas que ela conhecia melhor do que ele é, afinal, que ela apresenta aquele indivíduo como ‘homem’. Precisamente, ele não sabia nada, mas tinha o pedigree que, independentemente do sexo biológico, confere a pessoas com poder e dinheiro o estatuto de ‘homem’. O desafio atual para a crítica feminista não é apenas o facto de que a situação da igualdade da mulher ainda não está resolvida, nem sequer nas sociedades democráticas, mas a realidade de que uma mulher com poder só pode verdadeiramente contribuir para a eliminação da opressão de outras mulheres, rompendo com a irresistível atração pelo círculo reservado do poder masculino.